

CONTRASTES ENTRE A CRÍTICA LITERÁRIA ESPECIALIZADA E AMADORA: OS BOOKTUBERS E OS DISCURSOS SOBRE O LIVRO E A LEITURA

CONTRASTS BETWEEN THE SPECIALIZED AND UNPROFESSIONAL LITERATURE CRITICS: THE BOOKTUBERS AND THE DISCOURSES ABOUT THE BOOK AND THE READING

Danilo Vizibeli

Universidade Federal de São Carlos; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais

danilovizibeli@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo descrever, pautado na Análise do Discurso francesa e na História Cultural, as práticas discursivas da representação contemporânea do leitor por meio de algumas reflexões sobre a crítica especializada e a amadora. Utiliza-se como recorte do *corpus* uma notícia veiculada no portal de entretenimento do UOL, intitulada “Mercado literário: Os *booktubers* vão substituir os críticos especializados?”, assinada por Rodrigo Casarin. Procura-se elencar e compreender as formações discursivas sobre o leitor comum e o leitor profissional, este entendido como a crítica literária profissional que se serve de uma leitura institucionalizada. Questiona-se: por que a crítica literária formal se reveste de prestígio, mas quando se quer vender as obras e movimentar o mercado editorial é preciso, na atualidade, promover o comentário amador? Quais os limites entre o leitor comum e o crítico especializado? Por que postar um vídeo na internet gera capital social para aquele que se denomina leitor voraz e aproxima leitores e escritores? Em termos de linguagem, o que se diz sobre a leitura na época da cibercultura? Para dar conta dessas indagações são utilizadas as reflexões teóricas encontradas nas obras de Orlandi (2012), Foucault (2010) e Chartier (1998, 2010).

PALAVRAS-CHAVE: discurso; leitura; livros; crítica.

ABSTRACT: This paper aims at describing, based on the French Discourse Analysis and Cultural History, the discursive practices of contemporary representation of the reader through some reflections on the specialized and amateur critics. It is used as corpus cut one piece of news published on the entertainment portal UOL, under the title "Literary Market: will the booktubers replace the specialized critics?", signed by Rodrigo Casarin. It seeks to list and understand the discursive formations of the general reader and the professional player, this understood as the professional literary criticism that serves as an institutionalized reading. It wonders: why is the formal literary criticism of prestige, but when you want to sell the works and move the publishing market, it is necessary, at present, to promote the amateur comment? What are the limits between the general reader and the expert critical? Why does posting a video on the Internet give social capital to the one that is called a voracious reader and bring together readers and writers? In terms of language, what is said about reading at the time of cyberculture? To account for these reflections, theoretical reflections found in the works of Orlandi (2012), Foucault (2010) and Chartier (1998, 2010) are used.

KEYWORDS: discourse; reading; books; critics.

1 Introdução

“Nunca se leu tanto no Brasil e no mundo”, dizem os responsáveis pelo mercado literário e as pesquisas sobre a leitura no Brasil. De acordo com a edição de 2016 da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, promovida pelo Instituto Pró-Livro, atualmente o Brasil é constituído por 56% de leitores, ou seja, 104,7 milhões de leitores. Um crescimento de 6% em relação à edição anterior da pesquisa em 2011, quando o percentual era de 50%. Como é possível perceber em Chartier (1998), a leitura atualmente é feita também em outros suportes, como os tecnológicos, e passa a ser uma prática fluida, hipertextual e muitas vezes sem visão crítica. Em meio a tantos discursos sobre a leitura e a escrita, ainda existem enunciados que dizem quem pode ler o que, ou melhor, enunciados que compartimentalizam por classes sociais e grupos de leitura. Sempre houve, nas diversas literaturas do mundo, um cânone literário que considera sagradas e merecedoras do prestígio algumas obras e outras não.

A crítica literária especializada é composta por estudiosos da Literatura que publicam em meios oficiais – jornais, revistas, ou até mesmo canais de televisão e também na internet – comentários em forma de resenhas literárias. Muitas vezes essas resenhas servem (ou serviam) de parâmetros para a divulgação de uma obra e aqueciam o mercado literário ou não.

Na atualidade surgem novos tipos de comentários literários realizados, em sua maioria, por jovens que postam vídeos na rede social audiovisual *YouTube* e, com isso, suscitam discussões e comentários de um dado público leitor. As editoras já enviam exemplares de lançamentos para que os *booktubers*, como são chamados, façam suas resenhas.

Esse acontecimento motivou a escrita deste artigo com o intuito de questionar o que é um leitor profissional e o que é um leitor amador, sendo aquele entendido como pertencente à crítica literária especializada? O que os diferencia? Quais discursos circulam e quais formações discursivas eles representam sobre a leitura na era da cibercultura?

Como material inicial de análise, visto que o texto aqui apresentado é uma reflexão inicial, tem-se a matéria publicada em um espaço de Entretenimento da UOL *online*, intitulada “Mercado literário: Os *booktubers* vão substituir os críticos especializados?”¹, assinada por Rodrigo Casarin. O objetivo geral é descrever, pautado na Análise do Discurso francesa e na História Cultural, as práticas discursivas da representação contemporânea dos leitores. Procura-se, dessa forma, elencar e compreender as formações discursivas sobre o livro e a leitura, questionando por que a crítica literária formal se reveste de prestígio, mas quando se quer vender as obras e movimentar o mercado editorial é preciso na atualidade promover o comentário amador. Ainda são objetivos específicos descrever e analisar os movimentos discursivos da prática de postar um vídeo na internet sobre obras literárias que pode gerar capital social para aquele que se denomina leitor voraz e aproxima leitores e escritores. Trabalhando com questões de linguagem, procura-se evidenciar o que se diz sobre a leitura na época da cibercultura.

1 Disponível em: <<http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2015/08/15/mercado-literario-os-booktubers-vaao-substituir-os-criticos-especializados.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

2 A Leitura na Análise do Discurso e na História Cultural: pressupostos para compreender os *booktubers*

Pode-se dizer que a leitura é o objeto principal de trabalho e estudo da Análise do Discurso de linha francesa (de agora em diante AD). É com o modo como se leem e se manifestam os discursos que se preocupa essa disciplina. Já que o discurso não se separa da ideologia, porque todo discurso é carregado de posicionamentos ideológicos, procura-se investigar as coerções que atuam sobre as práticas de leitura e nesse sentido pode-se dizer que as novas tecnologias e, principalmente, as redes sociais, regulam os dizeres e o modo como eles são ditos. Ao mesmo tempo, ao publicar e divulgar comentários sobre obras literárias nas redes sociais, há uma tendência a classificar essas práticas de leitura como uma leitura distraída, fragmentada, com o esvaziamento da reflexão. Por que se lê como se lê? É o que deve ser perguntado e analisado pelo analista do discurso.

A História Cultural (de agora em diante HC), por sua vez, trabalha com a representação das práticas e nunca com as práticas em si, literalmente. E com isso dialoga com a AD, que também atua de semelhante maneira. Através da História Cultural, escreve-se a história de uma sociedade por meio de práticas que antes não eram objetos de estudos para os historiadores. Os mais diversos e minuciosos objetos como, por exemplo, odores, vestimentas e, aqui, no caso, as práticas de leitura.

Buscando descrever e observar os movimentos discursivos dos jovens leitores que publicam seus comentários no YouTube, percebe-se que, para as editoras, o que predomina é que se vende melhor os livros, indo ao consumidor de fato. Há, nesse caso, um discurso da credibilidade, fiável das pessoas insuspeitas, aquelas que se parecem com o leitor de fato. Cabe então destacar que as formas simbólicas são culturais e históricas. E o livro é uma forma simbólica.

Pensando assim, é possível aliar o conceito de representação com os pontos principais da AD, pois esta trabalha com a interseção entre a língua, o sujeito e a história, e é por meio dessa tríade que se faz a representação simbólica. A língua é a materialidade pela qual se manifesta o discurso. A AD veio mostrar e contradizer a crença de que a língua é transparente. Ela é opaca. O sujeito para a AD é uma posição no fio discursivo e ele nem é totalmente assujeitado, nem totalmente livre. A história vista pela AD marca diversas temporalidades e não é apenas a cronologia dos fatos, mas a representação ideológica desses fatos. Ou seja, os movimentos que os fatos provocaram nas estruturas (sejam sociais, políticas, econômicas etc.). Em resumo, o sujeito marca seu posicionamento ideológico por meio da inscrição de seus discursos, que se dá pela língua e dessa forma constrói e movimenta a história, uma história discursiva. Esse percurso possibilita entender o discurso como efeito de sentido entre interlocutores. Nesse processo da movimentação dos sentidos, é que se dá a representação simbólica, para utilizar a HC, que se faz por meio da interpretação, para utilizar a AD.

Tanto para a AD quanto para a HC, é relativa a liberdade de interpretação que só se dá em cima de: formas de controle, de estabilização e de homogeneização. A interpretação das obras literárias revela as práticas de leituras, tema principal deste artigo, pois é ao comentar uma obra – sendo um crítico literário ou um leitor anônimo, que agora posta seus vídeos no YouTube – que se marcam as representações da leitura.

Assim, os discursos que se propagam sobre a leitura não são os mesmos. Eni

Orlandi (2012), em *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*, atesta que os processos de produção do discurso implicam três momentos: a constituição (na qual atua a memória do dizer e intervém o contexto histórico-ideológico mais amplo), a formulação (em que se levam em conta as condições de produção e as circunstâncias de enunciação) e a circulação (que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições). A leitura do público comum se constitui em um dado momento como um discurso, porque faz oposição a uma leitura mais institucionalizada, feita por críticos especializados. A partir do momento que o leitor “comum” toma a cena e coloca seus comentários na internet, e não mais apenas aquele que está autorizado a dizer algo sobre obras literárias, tem-se mudanças nos posicionamentos dos sujeitos discursivos e novos sentidos para a leitura. Em todas essas posições de leitores ou resenhistas e críticos literários, tem-se um movimento interpretativo e utilizar-se da AD para analisar esses posicionamentos possibilita compreender como é vista a leitura nesta teoria:

A Análise de Discurso permite pensar a leitura (escrita) além da interpretação (E. Orlandi, 1988, 1996): o sujeito, que interpreta, lê a partir de sua posição sujeito, o sujeito leitor crítico lê refletindo sobre sua posição sujeito, sobre as condições de produção de sua leitura, por isso ele não interpreta apenas, ele compreende, sem no entanto trabalhar sua determinação através da teoria (ORLANDI, 2012, p. 14).

É possível dizer que a leitura é uma relação (com)textos em que se cruza uma multiplicidade de textos, aqui entendidos como a materialidade verbal e significativa da manifestação do discurso, e que implicam os contextos, as condições sobre as quais esses textos/discursos são cruzados. É por isso que a prática da leitura cotidiana, volta e meia, perpassa a prática da leitura institucionalizada, profissional. E por vezes também a prática cotidiana será motivo de estudo para os críticos literários.

De antemão, o objetivo não é julgar se a prática dos comentários amadores é boa ou ruim, se tem efeitos ou não, até porque a AD não trabalha com julgamentos, mas procura descrever discursivamente um acontecimento. O que serve de motivação para analisar os *booktubers* é que é um rompimento e que, da constituição de uma prática de leitura dada até um certo momento pelo cânone literário e por aqueles que sabem comentar esse cânone, surge um deslocamento, ou seja, novas formas de comentários sobre a literatura e que marcam discursos sobre a leitura que agora passam a circular nos meios eletrônicos. Chartier (1998) usa uma figura de De Certeau, quando trabalha o leitor em seu entremeio de limitações e liberdade.

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentaristas. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura (CHARTIER, 1998, p. 77).

Pode-se perceber que as práticas de leitura são pautadas na diferença. A viabilização de comentários por sujeitos anônimos e fora do meio literário na internet pode

servir de chamariz para a popularização da leitura. Não se pode negar que o acesso à leitura já é muito mais democrático devido à internet e, a partir dos vídeos dos *booktubers*, instauram-se políticas de leitura.

3 Booktubers X Críticos especializados: o confronto da leitura, do mercado editorial e dos poderes e saberes

A partir de agora será apresentado com mais detalhes o material utilizado para estudo, juntamente com a análise das práticas que representam os leitores.

A matéria “Mercado literário: Os *booktubers* vão substituir os críticos especializados?” (ver ANEXO) foi publicada em 15 de agosto de 2015 por Rodrigo Casarin do UOL, em São Paulo. O primeiro parágrafo da matéria diz o seguinte:

Com a câmera ligada, jovens apresentam livros no YouTube e compartilham opiniões das mais diversas a respeito do que estão lendo em uma linguagem informal e despojada. E seus vídeos são vistos por milhares de pessoas. Chamados de “booktubers”, eles estão ajudando a transformar o mercado editorial tanto no Brasil quanto lá fora e a perpetuar o hábito da leitura (CASARIN, 2015, *online*).

É possível perceber que a leitura dos jovens *booktubers* é apresentada em linguagem informal e despojada e que com isso consegue transformar o mercado editorial e perpetuar o hábito da leitura. Nesse primeiro momento, já se pode delinear que o discurso que é apresentado no texto é o discurso econômico pautado na evidência das editoras. O verbo “perpetuar” traz implícita a negação da leitura, ou seja, é grande o número de pessoas que não são adeptas dessa prática, e que outros tipos de crítica literária afastam esse público massivo que é o jovem. Resumindo, ao final da reportagem, a resposta da pergunta título (que é praticamente uma pergunta retórica) é que os *booktubers* não irão substituir os críticos especializados, mas que é um novo nicho de jovens leitores que falam a mesma língua e atingem outros jovens por meio de seus comentários. Entende-se que, dessa forma, se marca ainda mais a separação do leitor erudito e do leitor popular até porque visitando rapidamente os canais citados na reportagem, muitos livros não são os mesmos que são comentados pela crítica literária convencional.

No decorrer do texto, há a citação do nome de diversas editoras (Gutemberg, Lote 42, Galera/Record, Rocco, Aleph, Autêntica) inclusive dizendo que elas enviam aos “jovens críticos” exemplares de obras de lançamento e que os deixam livres para fazer o comentário que quiserem, positivo ou negativo.

A pergunta título da reportagem é retomada em um intertítulo com as seguintes palavras:

E esses formadores de opinião substituem a crítica convencional? A resposta dos editores é uma só: não. “São duas coisas diferentes e cada uma tem a sua importância. A crítica consagrada é uma chancela importante, que dá prestígio ao livro. A crítica dos blogs e booktubers é uma leitura não especializada, mas que

serve de referência para grande parte dos leitores, especialmente os mais jovens, que preferem buscar na internet a opinião de alguém com quem se identifique para, então, decidir a compra do livro", considera Cíntia, da Rocco. Silvia, por sua vez, explica que "o livro tem que estar onde o leitor está", por isso os *booktubers* acabam sendo importantes para que as publicações da Gutemberg tenham um bom alcance nas redes sociais. (CASARIN, 2015, *online*).

Ao dizer que "a crítica consagrada é uma chancela importante, que dá prestígio ao livro", há no posicionamento da editora, no papel de um sujeito discursivo, uma divisão social que confere à leitura um poder nas mãos de algumas pessoas, no caso, estudiosos e intelectuais que possuem saberes específicos para conferir o prestígio. Dessa forma, os sujeitos *booktubers* não têm o conhecimento, os saberes necessários para uma análise mais profunda, mas transformam por meio de seus comentários a imagem que se tem do leitor, a qual precisa ser modificada porque as práticas de leitura na atualidade são diferentes das que se faziam nos séculos anteriores e são intermediadas por dispositivos eletrônicos.

E quem são os *booktubers* citados na reportagem? O primeiro deles é Eduardo Cilto, do Canal Perdido nos Livros, que cita livros de autores como John Green, Lemony Snicket e Carlos Ruiz Zafón. Tatiana Feltrin mantém o Tiny Little Things e Pâm Gonçalves o Garota It, e, sobre elas, não são citadas as obras ou autores comentados. Bruno Miranda mantém o Minha Estante. Ainda são citados os canais ÍndiceX e Tríplice Literária. O que a matéria mostra é uma relação material com a leitura, revelando a sua materialidade simbólica que se representa através dos livros, enquanto a crítica convencional trabalha mais com o conteúdo do que com a forma.

"O crítico tem a bagagem acadêmica, o respaldo de grandes veículos de comunicação e o reconhecimento de livreiros e de leitores mais tradicionais. Mas acho que nunca veremos um crítico mencionando que o cheiro de um livro é bom e que, além de merecer ser lido, o livro está lindo e deve enfeitar sua estante. No papo dos *booktubers* com seus seguidores isso acontece muito. Esse diferencial, essa relação de fã com o livro, dele sendo um objeto de desejo, uma paixão, atrai os mais jovens", diz Ana Lima, da Galera (CASARIN, 2015, *online*).

Citando novamente De Certeau em outro texto, Chartier (2010) confirma essa relação supracitada vendo as práticas populares como uma forma de resistência.

A força dos modelos culturais dominantes não anula o espaço próprio de sua recepção. Sempre existe uma brecha entre a norma e o vivido, o dogma e a crença, as normas e as condutas. Nessa brecha se insinuam as reformulações, os desvios, as apropriações e as resistências (DE CERTEAU, 1980, 1990 apud CHARTIER, 2010, p. 47).

No Quadro 1 abaixo, pode-se verificar o movimento discursivo da prática de análise de obras literárias e a constituição, formulação e circulação dos discursos sobre a leitura na contemporaneidade.

Quadro 1: Crítica especializada, constituição, formulação e circulação dos discursos sobre a leitura na contemporaneidade

CRÍTICA ESPECIALIZADA	CONSTITUIÇÃO, FORMULAÇÃO E CIRCULAÇÃO DOS DISCURSOS	BOOKTUBERS
Prestígio	Constituição: A leitura é um acontecimento social-histórico e ideológico, marcada por posições-sujeitos através de saberes e poderes.	Popularidade
Saber: conhecimento acadêmico da leitura	Formulação: Crítica especializada: contexto de pouca circulação da leitura, domínio das fontes e dos meios de produção escrita. Crítica amadora: contexto de produção de leitura em larga escala, disseminação das fontes, popularização dos meios de produção da escrita.	Saber: conhecimento superficial da leitura
Poder: conferir prestígio	Circulação: o discurso que antes circulava apenas em meios impressos agora conta com os recursos tecnológicos, nos quais a atribuição dos sentidos à leitura é transformada por novas maneiras de ler.	Poder: comunicar a um grande público
Sentido: prática de leitura institucionalizada ou profissional	A leitura é uma prática antropológica e social que acompanha o movimento de transformação do homem.	Sentido: prática de leitura comum ou cotidiana

Chega-se, assim, à reflexão de que aquilo que é institucionalizado ou especializado só é assim designado se forem considerados o contexto e as condições de produção. Quando se trata de leitura não é possível definir rótulos e colocá-la em prateleiras e segmentações, pois o domínio da palavra não está a poder de somente uma ordem discursiva e social. Como se pode ver, para atender a uma necessidade mercadológica o aval das editoras aos jovens leitores é marcado com forte apreço, mas não se deixa de voltar a uma ordem anterior que é estereotipada como aqueles que dominam a leitura. O que na verdade está em questão não é a leitura e, sim, o modo de percepção, reflexão e interpretação. Enquanto num estudo acadêmico de crítica especializada há considerações mais amplas, numa análise audiovisual são levados em conta outros pontos. Assim, não se trata de uma leitura aurificada ou boa no caso dos críticos especializados, mas os pontos que são considerados são outros.

Foucault (2010), ao descrever os mecanismos de controle do discurso em *A ordem do discurso*, discorre sobre a vontade de saber e a vontade de verdade e pontua:

Ora, essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios de hoje. Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído (FOUCAULT, 2010, p. 16-17).

Infere-se, com o pensamento de Foucault, por meio da Análise de Discurso e todas as contribuições que vêm fazendo ao campo científico e do saber as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, que o saber foi, é e sempre será controlado e cerceado na sociedade. A leitura é o mecanismo principal pelo qual se faz esse controle. Que não se fechem os olhos para novas circulações da leitura e que nem se interdite os sentidos resumindo apenas em determinadas práticas de leitura, pois são só algumas delas nas diversidades de sentidos que se podem atribuir à leitura, fazendo cruzamentos e trabalhando em condições de produção diversas.

4 Considerações finais

As reflexões iniciais aqui apresentadas podem ser desdobradas em estudos posteriores, fazendo, inclusive, a análise dos vídeos dos canais apresentados. O estudo procura servir de ponto de partida para se conhecer o que se publica na rede social *YouTube* sobre leitura.

O que ficou aparente, através da análise empreendida, é que os dizeres sobre a leitura na hodiernidade são multifacetados e não há um consenso do que seja a Leitura, mas há leituras possíveis, práticas diversas e deve-se considerar a intenção, o objetivo e em que condições essas práticas são executadas. Há um limite muito tênue entre o que é uma crítica especializada ou amadora, pois se tem uma dicotomia de forma *versus* conteúdo. Muitas vezes, é uma mesma atitude de análise empreendida em cada tipo de resenha, mas os objetivos são diferentes e, principalmente, quando se tem o livro como um objeto a ser vendido, um material simbólico que vai além do transmitir conhecimentos, mas que apregoa valores, sentimentos, identidades postas em circulação e que marca a posição do sujeito. É preciso, perante uma sociedade heterogênea, dizer-se leitor e mostrar a apropriação do saber por meio da leitura, pois isso confere o poder através do qual se pode fazer circular a (s) ideologia (s).

Ler é muito mais do que decifrar. Ler é representar-se o mundo e no mundo. A visibilidade da leitura que ganhou força com as redes sociais traz sentidos que apesar de terem a ilusão do novo são muitas vezes ressignificações do modo como se concebe a leitura, pois ela é antropológica e cultural e está em domínios diversos. O mercado editorial quer produzir sujeitos dispersivos que consomem mais. Porém, nesse consumo, pode-se abrir um espaço para a produção de novas subjetividades do leitor contemporâneo.

Referências

CASARIN, R. Mercado literário: Os booktubers vão substituir os críticos especializados? *Uol Entretenimento*. Publicado em: 15 de agosto de 2015. Disponível em: <<http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2015/08/15/mercado-literario-os-booktubers-va0-substituir-os-criticos-especializados.htm>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Unesp/ Imprensa Oficial, 1998.

CHARTIER, R. Discursos eruditos e práticas populares. In: CHARTIER, R. *A história ou a leitura do tempo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da Leitura no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Instituto Pró-Livro/IBOPE Inteligência, 2016. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2016.

ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012.

Recebido em 19 de julho de 2016.
Aprovado em 16 de agosto de 2016.

ANEXO

RECORTE DO CORPUS – REPORTAGEM DA UOL ENTRETENIMENTO

Mercado literário: Os booktubers vão substituir os críticos especializados?

Rodrigo Casarin
Do UOL, em São Paulo
15/08/201506h00

Com a câmera ligada, jovens apresentam livros no YouTube e compartilham opiniões das mais diversas a respeito do que estão lendo em uma linguagem informal e despojada. E seus vídeos são vistos por milhares de pessoas. Chamados de “booktubers”, eles estão ajudando a transformar o mercado editorial tanto no Brasil quanto lá fora e a perpetuar o hábito da leitura.

“Com o enxugamento das redações [de jornalismo] e publicações específicas sobre literatura sumindo das bancas, o nosso principal meio de divulgação dos livros são os blogueiros e booktubers, que têm um diferencial por falarem na mesma língua do nosso público-alvo leitor. Portanto, consideramos o trabalho deles fundamental na repercussão dos nossos livros”, considera Silvia Tocci Masini, editora da Gutenberg.

As resenhas em vídeos abordam desde clássicos literários até os best-sellers do momento, mas se há um gênero mais discutido por eles são os destinados aos jovens adultos. “A questão do formato de vídeo informal, sem grandes produções, é típica dos adolescentes e jovens, que entendem isso como um meio de expressão corriqueiro. Então obras que dialogam com esse público também tendem a ter mais repercussão”, aponta João Varela, editor da Lote 42.

Quem são eles

Um desses booktubers brasileiros é Eduardo Cilto, do canal Perdido nos Livros, que tem mais de 140 mil seguidores e episódios que chegam a mais de 200 mil visualizações. Ele explica que começou a comentar livros neste formato apostando na dinâmica dos vídeos, que permitem que se expresse melhor e atinja mais leitores, explica o jovem, fã de nomes como John Green, Lemony Snicket e Carlos Ruiz Zafón.

Ao ler uma obra, Cilto diz que já pensa no que irá falar sobre ela. “Anoto tudo o que acho que será importante mencionar na hora da gravação, desde coisas sobre a personalidade do personagem até meus empecilhos com a narrativa. Quando termino de ler, analiso o que anotei e escrevo um roteiro resumindo tudo de uma maneira que ficará legal em vídeo”.

Tatiana Feltrin, também com mais de 140 mil assinantes em seu canal, o Tiny Little Things, causou furor ao participar da Bienal do Livro de São Paulo, no ano passado, junto com Pâm Gonçalves, do Garota It, que tem mais de 112 mil seguidores. Já Bruno Miranda, do Minha Estante, ultrapassa a marca de cem mil fãs e seu vídeo sobre “Destrua Esse Diário”, de Keri Smith, beira o meio milhão de visualizações.

“Eu sempre tive vários blogs desde que comecei a usar a internet. Com 13 anos fiquei viciado em livros e decidi criar, em 2010, um blog para falar sobre isso. No final de

2011 queria criar um conteúdo em vídeo para o blog e comecei o canal. Ele bombou muito mais que o blog, então passei a me dedicar apenas aos vídeos. Acho que a motivação principal foi ter descoberto uma coisa nova para mim e querer espalhar para todo mundo. Como não tinha ninguém com quem falar sobre livros, fui para a internet”, lembra Miranda, que tem dentre os escritores favoritos nomes tão díspares como J. K. Rowling, Clarice Lispector, John Green e Franz Kafka.

Importância para as editoras

Números tão expressivos quanto os que esses jovens acumulam acabam impactando na divulgação dos livros. Ana Lima, editora-executiva da Galera, selo da Record com obras destinadas ao público jovem, lembra que um vídeo de Melina Souza, do canal Serendipity, sobre “À Procura de Audrey”, de Sophie Kinsella, ajudou a criar uma expectativa em cima do título, que se esgotou assim que chegou às livrarias. “O impacto pode ser significativo. Como a competição é grande, aquele livro indicado com certeza vai se sobressair. Eles [os booktubers] são parceiros e mensalmente enviamos alguns lançamentos para que leiam e deem sua opinião”.

Cíntia Borges, gerente de comunicação da Rocco, segue a mesma linha. “Especialmente na literatura jovem, alguns canais podem influenciar de forma bastante intensa, pois são formadores de opinião e ajudam muito no boca a boca. Com o crescimento do mercado editorial brasileiro nos últimos anos e, particularmente, com o boom da literatura juvenil e young adult após 'Harry Potter', são muitos os lançamentos para este público. A mídia tradicional não consegue abrir espaço para todos. Daí a importância dos blogs, canais de Youtube e redes sociais voltados para este universo, que abriram um novo canal de comunicação entre as editoras e os leitores”.

A Rocco aposta na parceria com canais como o ÍndiceX e o Tríplice Literária e permite que eles escolham até dois lançamentos por mês para resenhar em vídeo. “Acompanhamos a publicação das resenhas regularmente, mas não há qualquer compromisso dos blogueiros e booktubers quanto ao teor, eles têm total liberdade para avaliar os livros. A parceria também é fortalecida pela divulgação das resenhas publicadas, dando visibilidade aos blogs e canais literários nas redes sociais da editora”.

Outra editora que aposta nesse tipo de divulgação é a Aleph. “Os booktubers são fortes parceiros na divulgação de livros. Eles são fáceis de lidar justamente por serem jovens, com ideias frescas e uma empolgação ímpar. Aquela formalidade convencional é deixada de lado e nossas trocas de e-mail costumam ser bem divertidas. Fizemos uma ação de lançamento com o livro 'Eu, Robô', enviando kits especiais para os blogueiros. Coincidência ou não, o livro esgotou em menos de dois meses”, lembra Felipe Bellaparte, assistente de marketing da editora.

Críticos literários?

E esses formadores de opinião substituem a crítica convencional? A resposta dos editores é uma só: não. “São duas coisas diferentes e cada uma tem a sua importância. A crítica consagrada é uma chancela importante, que dá prestígio ao livro. A crítica dos blogs e booktubers é uma leitura não especializada, mas que serve de referência para grande

parte dos leitores, especialmente os mais jovens, que preferem buscar na internet a opinião de alguém com quem se identifique para, então, decidir a compra do livro”, considera Cíntia, da Rocco.

Silvia, por sua vez, explica que “o livro tem que estar onde o leitor está”, por isso os booktubers acabam sendo importantes para que as publicações da Gutemberg tenham um bom alcance nas redes sociais. Por outro lado, para se trabalhar os títulos da Autêntica, grupo do qual a Gutemberg faz parte, as críticas em veículos tradicionais são mais efetivas para atingir potenciais leitores, além de dar credibilidade à editora.

Algo que os profissionais apontam como grande diferencial desses jovens comentaristas é a linguagem que usam, bem diferente da adotada pela crítica tradicional, e, conseqüentemente, a proximidade que criam com o seu público. “Pelo fato de os seguidores se sentirem mais próximos dos booktubers, acreditam fielmente no que eles dizem. Essa aproximação gera um sentimento de amizade e ninguém melhor que um amigo para indicar alguma coisa. Dessa forma, o marketing boca a boca é certo”, aponta Bellaparte, da Aleph.

“O crítico tem a bagagem acadêmica, o respaldo de grandes veículos de comunicação e o reconhecimento de livreiros e de leitores mais tradicionais. Mas acho que nunca veremos um crítico mencionando que o cheiro de um livro é bom e que, além de merecer ser lido, o livro está lindo e deve enfeitar sua estante. No papo dos booktubers com seus seguidores isso acontece muito. Esse diferencial, essa relação de fã com o livro, dele sendo um objeto de desejo, uma paixão, atrai os mais jovens”, diz Ana Lima, da Galera.

Os próprios booktubers parecem não querer ocupar o papel do crítico. “Eu tinha medo que, conforme o canal fosse crescendo, as pessoas fossem me vendo como crítico, que eu deveria ter um compromisso em analisar todos os aspectos profissionalmente. Mas isso não aconteceu, todo mundo entende que o meu papel não é esse. Eu só encontrei um monte de gente que gosta de ler para conversarmos juntos, sem pressão de nenhum dos lados”, diz Bruno, do Minha Estante. “Acima de tudo, sou apenas um leitor voraz que gosta de falar sobre suas leituras”, enfatiza Eduardo, do Perdido nos Livros.

Fonte: <<http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2015/08/15/mercado-literario-os-booktubers-vaio-substituir-os-criticos-especializados.htm>>. Acesso em: 28 jan. 2016.